

O USO DE PLANTAS MEDICINAIS DO CERRADO: UMA PRÁTICA CULTURAL MILENAR E POPULAR NO NORTE DE GOIÁS.

Joyce de Almeida Borges
Prof.a. do Curso de Geografia da UEG-Itapuranga
joycealbo@yahoo.com.br

Maria Divina Alves Ribeiro
Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás-Minaçu
divininha@ueg.com.br

RESUMO: Este artigo traz como temática as plantas medicinais do Cerrado, refletindo sobre seus usos, manuseios, entendendo esta ação como prática de resistência cultural em rituais de cura por meio da Medicina Popular. Partimos do pressuposto que o Cerrado é um Bioma que agrupa várias plantas medicinais, sendo elas, a aroeira, o assa-peixe, o barbatimão, ipê roxo, jatobá, mamacadela, pé de perdiz, pequi, quina, sucupira e outras. Assim, questionamos: este bioma tem propiciado o uso de plantas medicinais, para quais causas em maior proporção? Por quê? Como estas plantas têm auxiliado na cura ou prevenção de doenças no século XXI? Isso é uma prática cultural significativa? A ausência do estado na saúde pública pode estar relacionada com a permanência desta prática, ou trata-se de uma relação históricocultural com o bioma Cerrado? Nosso objeto de estudo foram moradores e raizeiros do Município de Minaçu, os quais entrevistamos. Utilizamos de procedimentos metodológicos como as observações diretas, os registros fotográficos, o uso de tabelas e análises de depoimentos e bibliografias. Neste estudo, obtemos como resultados a verificação de quais são as plantas mais utilizadas pelos raizeiros, os principais procedimentos de uso e manuseio, as principais doenças com o uso das plantas, como elas são apropriadas em doenças ginecológicas, respiratórias, etc. E ainda, observamos que esta prática cultural ainda se faz presente nos dias atuais, entre as populações do Cerrado, mesmo com a grande influência dos medicamentos farmacêuticos.

Palavras chave: Plantas Medicinais. Cerrado. Cultura.

ABSTRACT: This journal brings as theme medicinal plants of the Brazilian Cerrado, reflecting on its uses, handling, understanding this action as a cultural resistance practice in healing rituals through Popular Medicine. We start from the assumption that the Brazilian Cerrado is a Biome that groups several medicinal plants, being an aroeira, assa-peixe, barbatimão, ipê roxo, jatobá, mamacadela, pé de perdiz, pequi, quina, sucupira and others. Thus, we asked: Has this biome propitiated the use of medicinal plants, for which causes best? Why? How have these plants helped to cure or prevent diseases in the 21st century? Is this a meaningful cultural practice? Can the absence of the state in public health be related to a permanence of this practice, or is there a cultural and historical relationship with the Cerrado biome? Our study participants were the residents and groups of the town of Minaçu, Goiás, who were interviewed. Users of methodological procedures such as direct observations, photographic records, use of tables and analysis of testimonials and bibliographies. In this study, the obtained results are as follows: the plants most used by the medicinal root specialist, the main handling and handling procedures, the main diseases with the use of the plants, as they are appropriate in gynecological and respiratory diseases, etc.

Building the way

And yet, we observe that this cultural practice is still alive nowadays, among the populations of the Brazilian Cerrado, even with a large influence of pharmaceutical drugs.

Keywords: Medicinal Plants. Brazilian Cerrado. Culture.

Considerações iniciais

As plantas medicinais são utilizadas por diversas populações no mundo, há milênios atrás. O seu uso é de grande valor para aqueles acreditam nesta prática como possibilidade de cura para enfermidades, doenças, prevenções e tratamentos de saúde. No Cerrado esta prática cultural também é incorporada desde as primeiras ocupações das regiões do Planalto Central já com os indígenas Goyazes, Akroás, Xacriabás, jês, xerentes, entre outros. Esses indígenas já eram conhecedores dos poderes medicinais que o Cerrado abrigava. (TEIXEIRA, 2005)

Neste sentido, este artigo objetiva refletir como nos dias de hoje, o uso de plantas medicinais ainda se faz presente no cotidiano de populações que habitam o Cerrado, em áreas rurais e urbanas. Partimos de alguns pressupostos para problematizar esta discussão: Mesmo com o aumento abusivo dos medicamentos farmacêuticos a prática de medicina popular ainda se faz presente nas áreas de Cerrado? Este bioma tem propiciado o uso de plantas medicinais, para quais causas, em maior proporção? Por quê? Como estas plantas têm auxiliado na cura ou prevenção de doenças no século XXI? Isso é uma prática cultural significativa? A ausência do estado na saúde pública pode estar relacionada com a permanência desta prática, ou trata-se de uma relação históricocultural com o bioma Cerrado? Quais as especificidades do manuseio de plantas medicinais do Cerrado? Como os raizeiros e curandeiros que fazem uso destas espécies aprenderam seus conhecimentos acerca das propriedades benéficas destas plantas? Há uma preocupação entre eles na conservação do Cerrado?

Buscamos analisar a relação de moradores e raizeiros do Município de Minaçu com o Cerrado. Nesta análise, focamos a realização de entrevistas e fizemos uso de procedimentos metodológicos como as observações diretas, os registros fotográficos, o uso de tabelas e análises de depoimentos e bibliografias.

Assim, este artigo divide-se em três partes. A primeira relata a história das plantas medicinais e seu uso no mundo, desde os povos chineses, árabes entre outros. Nesta etapa buscamos situar a prática de plantas mundiais em um contexto mais amplo, tentando mapear como essa prática milenar foi se constituindo e refigurando ao longo dos últimos séculos.

Building the way

Na segunda parte, direcionamos nossas reflexões para o Cerrado, bioma no qual é a origem das plantas pesquisadas aqui em estudo. Problematicamos como o Cerrado tem sido apropriado indevidamente em seus uso e ocupação, o que reflete na diminuição de sua área, na diminuição de espécies da fauna e da flora, interferindo diretamente na diminuição de plantas medicinais, como veremos a seguir a partir de Almeida (2005), Castilho (2010) e Albertin (2013).

Por último, destacaremos depoimentos e entrevistas realizadas com alguns raizeiros de Minaçu, em Goiás, quanto à prática de manuseio das plantas medicinais, como eles as armazenam, os principais fins utilizados. Buscaremos entender o porquê do uso, a relação dos sujeitos com esta prática, entre outras questões específicas que serão apontadas.

Um pouco da história das práticas culturais de manuseio de plantas medicinais

Os primeiros registros de uso de plantas como medicamentos são datados a mais de 3.000 anos A.C. na China. Também entre os egípcios, assírios e hebreus já se cultivavam as plantas medicinais produzindo vermífugos, purgantes, cosméticos, diuréticos e outros produtos que também serviam para embalsamar as múmias. Os gregos, na figura de Hipócrates, o pai da Medicina, utilizavam um remédio vegetal para a cura de cada enfermidade. Os romanos envenenavam seus inimigos com plantas ditas venenosas. Também, tanto a civilização egípcia antiga quanto as variadas culturas mesopotâmicas tinham conhecimentos acerca das propriedades medicinais das ervas. (BARBOSA, 2008)

Entre as formas de uso das plantas medicinais podemos destacar os chás, a infusão, as garrafadas, o uso de sumos diretos em feridas etc. O chá surge segundo alguns estudiosos no Oriente, na China, onde até hoje é a região em que é mais utilizado. Segundo uma lenda chinesa, no ano de 2737 a.C. o imperador Shen Nung descansava sobre uma árvore quando caíram folhas em uma vasilha de água que os servos ferviam para beber. O aroma se despreendeu e assim nascia o chá verde (*matcha*). Seu uso é uma prática cultural que se estende por todo o mundo. Depois foram surgindo o chá branco, preto, amarelo, com sabores e finalidades distintas, como desintoxicação, chás diuréticos, enfim. (BARBOSA, 2005)

No Brasil, a prática de medicamentos medicinais deu-se por influência das culturas africana, indígena e europeia. Desde o início da colonização brasileira, até a chegada do século XX, o Brasil ainda possuía traços rurais bem acentuados. Com o avanço da

Building the way

urbanização a partir de 1950, as mudanças nos hábitos de consumo, a expansão das indústrias farmacêuticas, o conhecimento popular em torno das plantas medicinais passa a ser substituído gradativamente pelo conhecimento científico. E os medicamentos farmacêuticos passam a fazer parte do cotidiano brasileiro. Embora Martins (2000 *apud* GOMES 2008, p. 448) afirme que:

80% da população brasileira não têm condições de usar os medicamentos chamados essenciais. Assim, as plantas medicinais, pelo fato de serem matéria-prima de fácil acesso, baixo custo e fácil manipulação, têm contribuído muito para a saúde da população.

Contudo, nos últimos anos, ainda têm sido frequentes o uso de plantas medicinais também conhecido como fitoterapia. Do grego *fyton*, “planta” ou vegetal e *therapia*, “terapia”. A fitoterapia é o uso extrativo de plantas medicinais ou de seus derivados com fins terapêuticos, para a prevenção ou tratamentos de patologias ou doenças. Estudos apontam que a fitoterapia tenha surgido na China e consiste no uso de folhas, flores, frutos, raízes e cascas de plantas. A fitoterapia foi apropriada hoje pela produção farmacêutica para a produção de medicamentos fitofármacos. A comunidade científica hoje reconhece nas plantas, o poder de cura, e hoje já há inclusive cursos de pós-graduação relacionados ao emprego de medicamentos fitoterápicos, a exemplo da Universidade Autônoma Metropolitana do México, que reconhece como especialização, a fitoterapia e a acupuntura que combinados, são utilizados para o tratamento de doenças comuns. Sabido um pouco da história das plantas medicinais no mundo, nos ateremos agora, a direcionamentos acerca do Cerrado e suas potencialidades no uso de plantas medicinais.

O Cerrado e suas espécies com potencialidades para a medicina popular

O Cerrado é um bioma localizado no Planalto Central do Brasil, e é o segundo maior bioma brasileiro em extensão, só perde para a Floresta Amazônica. Sua fauna e flora se estendem em dez estados brasileiros, como Goiás, Tocantins, Distrito Federal, Bahia, Ceará, Maranhão, Piauí, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, São Paulo, Minas Gerais, Amapá, Pará e Roraima. Em todos estes estados o Cerrado se apresenta como bioma rico em plantas frutíferas, ornamentais e medicinais. E ainda o Cerrado fica em uma área onde abrange três grandes bacias hidrográficas, a Tocantins-Araguaia, Paraguai e São Francisco.

Building the way

No entanto o desmatamento tem feito presente e reduzido à metade da cobertura vegetal. A área de 2.038.953 Km² teve uma redução para 1.052.708 Km², com área total de desmatamento de 986.247 Km², ou seja, 48%. (IBGE, 2010)

O Cerrado é um *hotspots* (ponto quente), ou seja, uma área que agrega grande biodiversidade global, ameaçada no mais alto grau, tanto em relação às espécies vegetais como as espécies animais, como nos explica Almeida (2005). No Brasil há dois *hotspots*, O Cerrado e a Mata Atlântica. Estima-se que em todo o Cerrado há cerca de 10 mil espécies de plantas, destas 4.400 são endêmicas, ou seja, só existem no Cerrado. (CASTILHO, 2010) este bioma deveria ser valorizado e não colocado em cheque a partir de um discurso preservacionista, em detrimento a conservação da Amazônia. No entanto, percebemos que este é um discurso falacioso, pois cresce aceleradamente tanto o desmatamento da Amazônia quanto do Cerrado. (ALBERTIN, 2013)

Notamos que a diminuição de áreas de Cerrado traz grandes prejuízos ambientais, porque diminui as áreas destinadas às plantas medicinais e as Áreas de Preservação Permanentes. Entre os principais impactos ambientais ocasionados ao Cerrado, a partir de 1970 em Goiás, com a chegada da modernização da agricultura, podemos citar as monoculturas de grãos, de cana de açúcar e soja, áreas de pastagens com grandes desmatamentos e assoreamentos, produções de *commodities* com alto teor de agrotóxicos e uso e ocupação do solo de forma desordenada e sem respeito às nascentes do Cerrado. (CASTILHO, 2010)

Contudo, ao nos referirmos às plantas medicinais em áreas de Cerrado, precisamos nos ater ao local de plantio, cultivo e a procedência da planta medicinal, uma vez que o Cerrado é um bioma no qual os impactos ambientais se fazem extremamente presentes, o que reflete diretamente na fauna e na flora. Assim, por exemplo, devemos evitar cultivar ou retirar plantas medicinais próximos a lavouras de pastagem, como a cana de açúcar, ou a soja, porque sabemos que na maioria destes plantios principalmente oriundos do agronegócio, muitos agrotóxicos são utilizados. Se obtivermos plantas medicinais em contato com áreas em que são utilizados venenos, podemos correr riscos de vida. E ainda, não é aconselhável cultivar plantas medicinais em beiras de estradas, próximos a rios poluídos, nem em proximidades com fossas sépticas e rede de esgoto.

Building the way

Quando nos referimos a catalogação de partes de plantas a serem utilizadas como medicamento, observamos as especificidades de cada espécie. E neste uso, alguns aspectos podem ser considerados principalmente quanto ao manuseio de raízes, caules, flores e frutos.

Raízes: preferencialmente devem ser arrancadas manualmente para evitar danificação; plantas herbáceas devem ser colhidas assim que o vegetal atingir seu desenvolvimento máximo; período mais apropriado para a colheita é o matutino, pois normalmente pela manhã, as raízes estão mais enriquecidas com acúmulo de substâncias. Caules: geralmente devem ser colhidos após a brotação das folhas e pouco antes da floração vegetal. Folhas: devem ser colhidas antes de iniciar a floração vegetal, porque para muitas plantas, quando começa a formação de flores, há uma redução significativa do teor dos princípios ativos nas folhas; as folhas devem estar desenvolvidas e não envelhecidas. Flores: normalmente as flores recém-abertas possuem maior teor de princípios ativos. Frutos: deve ser colhido quando estão amadurecidos e desenvolvidos. Sementes: geralmente são colhidas quando bem amadurecidas. Casca: deve ser retirada quando a planta se encontra no final de seu ciclo anual, isto é, antes da floração e em partes para não danificar a planta. (GOMES, 2008, p. 455)

Quanto ao manuseio das plantas medicinais tanto em áreas de Cerrado, ou em qualquer área, é fundamental sabermos identificar corretamente a planta medicinal antes de usá-la, uma vez que muitas plantas possuem toxicidades agudas, algumas abortivas (buchinha, anilinho, azedinho) e outras que podem ser agressivas ao corpo humano, como a espirradeira, comigo-ninguém-pode, arruda, etc. A coleta indiscriminada de plantas medicinais podem levá-las a extinção. (ALHO, 1995)

No tratamento de doenças com plantas medicinais recomenda-se evitar o uso contínuo, em geral o tratamento deve ser de trinta dias, com intervalos de uma semana para não causar danos ao organismo. Algumas espécies do Cerrado são indicadas para diversos tratamentos de enfermidades, que analisaremos a seguir na tabela 01. No entanto podemos citar algumas plantas do Cerrado e seus efeitos de cura, como: a mangaba, a qual seu leite é utilizado contra tosse e combate a hipertensão. A arnica como anti-inflamatório e cicatrizante. Em caso de doenças femininas, como as infecções genitais, faz-se uso do algodãozinho, carrapicho, velame branco, pau santo, sangue de cristo, a tobornia e outros. Já para gripes, febre e resfriados, dores e infecções de garganta recomenda-se tomar o chá ou gargarejo de uma mistura de favaca, gervão, imbé e papaconha. Contudo, se o problema for o vigor masculino, sugere-se o uso de vergateza. NO dizer popular, é só tomar que “levanta”. Além destas espécies, utilizam o manazinho para a dor de barriga, o sabugueiro para o sarampo, e para artrose, alecrim do campo. O leite de sangra d’água detém propriedades curativas da

Building the way

gastrite, úlcera e contra o câncer. Muitas destas espécies são de difícil acesso, pelo desmatamento. (ALMEIDA, 2005)

O Uso das plantas medicinais como possibilidade de cura e prevenção em Minaçu na contemporaneidade

No século XXI, Jameson (2002) problematiza a lógica cultural denominada “capitalismo tardio”. Vivemos em um misto de informações, disseminação de culturas, uma superficialidade presenteísta e consumista moldada pelo fetichismo das mercadorias e dos objetos, fragmentados, angustiados, esquizofrênicos, solitários em nossas parafernalias tecnológicas, com pouca afetividade e laços comunitários, tentando buscar um “pastiche”, um encontro com passado para ver se reafirmamos nossa relação com o meio, com o mundo, com a Terra e com nós mesmos. Temos vivido tempo de grande dependência química, por exemplo, o aumento do uso de antidepressivos, remédios para dores de cabeça e todo o corpo, crianças que são medicadas desde muito cedo. etc. As pessoas têm trabalhado cada vez mais e adoecido com grande frequência.

Nesta cultura fetichizada pelo capital e pelo predomínio de medicamentos farmacêuticos, ainda visualizamos na atualidade, sujeitos que buscam no Cerrado plantas medicinais para a cura, o manuseio e uso cotidiano. Machado (2008) em seus estudos também observou como o uso de plantas medicinais ainda se faz presente em diferentes territorialidades em Goiânia. Fato que também podemos observar como na figura 01:



Foto 01: Distribuição de plantas medicinais no Mercado Municipal de Goiânia.

Autora: BORGES, Joyce de Almeida. (27/07/15).

Building the way

Esta pesquisa foi realizada em Minaçu, uma cidade localizada ao norte de Goiás, a mais de 500 km de Goiânia. O Município de Minaçu apresenta grande biodiversidade em Cerrado. Tendo nele presente as principais fitofisionomias, Cerradão, Campo Cerrado, Cerrado Stricto Sensu, entre outras. A pesquisa foi realizada na região urbana de Minaçu, e na zona rural deste município, e também em um Distrito próximo de nome Santo Antônio de Cana Brava. Dos entrevistados constatamos que 86% são moradores da área urbana, e 14% de área rural, onde absorveram os conhecimentos de seus familiares sobre o uso de plantas medicinais.

Em Minaçu, após entrevistar cinco raizeiros da região, listamos o uso medicinal e o nome de algumas espécies de Cerrado, das mais utilizadas, entre elas destacamos:

Nome científico	Nome popular	Uso medicinal
<i>Myracrodruon urundeuva</i>	Aroeira	Gastrite, úlceras, diarreias, doenças respiratórias e urinárias.
<i>Vernonia polifanthes less</i>	Assa-peixe	Infecções respiratórias, problemas renais, torções, retenção de líquidos.
<i>Stryhnodendron barbatiman mart</i>	Barbatimão	Cicatrização, gastrite, infecção no útero, coceira.
<i>Tabebuia impetiginosa</i>	Ipê roxo	Inflamações, infecção de rins, derrame, pressão alta, doenças do coração, próstata, problemas de pele.
<i>Hymenaea courbaril</i>	Jatobá	Tosses, bronquite, asma, diarreia, desinteria.
<i>Brosimum gaudichaudii trécul</i>	Mamacadela	Manchas de pele, vitiligo, gripes, depurativo do sangue.
<i>Croton antisiphiliticus</i>	Pé de perdiz	Estimula a gravidez, regula

Building the way

		a menstruação, infecções do útero e ovário.
<i>Caryocar brasiliense</i>	Pequi	Asma, bronquite, resfriados, afrodisíacos.
<i>Strychnos pseudo-quina</i>	Quina	Problemas hepáticos, distúrbios estomacais.
<i>Pterodon emarginatus</i>	Sucupira	Dores reumáticas, artrites, gripes, faringites, amigdalites.

FONTE: Entrevista aos raizeiros de Minaçu.

ORGANIZAÇÃO: BORGES, Joyce de Almeida. (2015)

Realizamos a pesquisa com 30 pessoas, de junho de 2011 a março de 2012, com uso de roteiro de entrevista estruturada, ou seja, com questões previamente estabelecidas, pontuamos questões de ordem pessoal, familiar, sociocultural e ligadas ao Cerrado. Foram coletados dados que revelam que a utilização de plantas medicinais em Minaçu se dá em função do comprovado poder curativo das plantas, pela tradição do uso, o fácil acesso, o baixo custo, e a falta de serviços e medicamentos de saúde pública. Quanto ao manuseio das plantas medicinais um dos raizeiros afirma: “*O ensinador tem que conhecer as plantas para não utilizar a raiz de forma errada*”.

Nestas entrevistas verificamos que a maioria das pessoas da região que fazem uso das plantas medicinais está em uma faixa etária acima dos 60 anos, o que corresponde a 40% dos entrevistados. Um dos fatores que podem explicar isto é o fato dos jovens na maioria das vezes saírem do convívio familiar muito cedo. Além disso, na escola recebem ensinamentos científicos baseados nos medicamentos alopáticos, e assim passam a preferir o uso de remédios da farmácia convencional. Portanto, nossa pesquisa demonstra que os mais velhos mantêm o contato maior com o medicamento alternativo. A população idosa necessita com mais frequência de medicamentos para tratamento de doenças devido à idade e buscam nas plantas medicinais a alternativa para tratamentos inclusive pelos fatores de baixo custo e acessibilidade. (RIBEIRO, 2012)

Entre os entrevistados, também verificamos que a maioria das pessoas que ainda fazem uso das plantas medicinais são mulheres, em uma média de 56%. E 44% dos outros entrevistados são homens. Fato que pode ser explicado pela presença das mulheres junto às

Building the way

tarefas do lar e ao cuidado dos filhos e familiares. As mulheres que se responsabilizam por afazeres domésticos dos lares procuram o tratamento de plantas medicinais principalmente para infecções uterinas e doenças urinárias, recorrentes em mulheres. (RIBEIRO, 2012)

As entrevistas realizadas apontam que 84% das pessoas confiam nos remédios produzidos a partir de plantas medicinais, porque por meio de experiências pessoais e familiares obtiveram a cura pelo uso das espécies. A diversidade cultural da comunidade e a existência de saberes tradicionais na família são fatores que podem contribuir para o uso de plantas medicinais na região de Minaçu. Esses saberes resultam da transmissão de conhecimentos de geração em geração. E 58% dos entrevistados associaram a aquisição de conhecimentos das plantas com situações que envolveram casos de doenças familiares. 22% aprenderam em igrejas, 12% em livros, 2% em revistas. Assim, o conhecimento em maioria parte do contato intenso entre membros da família quando mais jovem, com os adultos e idosos. Isto acontece, normalmente, durante a infância ou juventude, quando crianças e jovens acompanham seus familiares nas tarefas cotidianas e vão absorvendo, aos poucos, explicações sobre a preparação de remédios caseiros, assim como os mitos e as crenças que envolvem o uso das plantas. (RIBEIRO, 2012)

Observou-se que as espécies do Cerrado têm uma gama considerável de utilização de plantas. As cinco espécies medicinais mais utilizadas foram: barbatimão (12%), pé de perdiz (8%), assa peixe/baru/quina (6%). Além de outras plantas que foram citadas: sucupira, jatobá, mama-cadela, carobinha, mangaba, ipê roxo, salsa parrilha, espinheira santa, unha de gato, pacari, bico de tucano, sangra d'água, cagaita, alecrim do campo, carapiá, douradinha e flor de lobeira.

Entre as principais técnicas usadas no manejo das plantas medicinais foram citadas pelos entrevistados, em primeiro lugar como uso mais comum, 42% preferem o chá, pela facilidade no preparo e baixo custo. Ainda, 38% que preferem fazer o uso da garrafada, e que mesmo com o maior custo, ainda é bastante utilizada. E ainda os entrevistados relataram outras formas de uso em relação às plantas medicinais como métodos alternativos, como por exemplo, o uso na comida, no suco, no leite e em xarope. Em xarope especialmente, em 22% dos entrevistados, o que também é significativo. (RIBEIRO, 2012)

E ainda, a pesquisa revelou que a entrecasca das plantas foi a parte mais utilizada, seguido das folhas e das raízes. As doenças mais frequentes relacionadas ao uso de plantas medicinais referem-se ao sistema respiratório, reprodutor e circulatório do corpo humano.

Building the way

Quando questionamos sobre a diferença entre o medicamento convencional e o alternativo os entrevistados relataram que o tratamento alternativo é mais lento, porém natural, não possuindo contraindicações, efeitos colaterais, química e prejuízo ao organismo, além do baixo custo na aquisição. Como pode ser observado em uma das entrevistas selecionadas: *“O medicamento alternativo por ser natural o efeito é melhor, tenho acesso facilitado às plantas porque moro em região com área de Cerrado onde o custo é zero”*.

Outros depoimentos também revelam o porquê do uso e as benesses das plantas medicinais: *“O medicamento alternativo é melhor porque é purificado, no caso da quina é utilizado para humanos e também para os animais.”* Ainda, os raizeiros acrescentam: *“o remédio caseiro é melhor mesmo sendo efeito lento, porque o convencional tem efeitos colaterais fortes que prejudicam outras enfermidades”*.

Além dos relatos com relação aos benefícios dos medicamentos naturais, ainda notamos em alguns depoimentos a preocupação com o cuidado das espécies do Cerrado na retirada e utilização. Notamos que os raizeiros sabem que ao retirar as espécies, deve-se utilizar apenas o necessário, replantar e fazer com que o Cerrado seja conservado proporcionando uma utilização permanente para as comunidades locais. Isto fica evidente nas seguintes falas: *“Evitar queimadas, colher a quantidade de uso, cuidado ao retirar a entrecasca, não matar a planta, com essas ações ajuda a manter o Cerrado vivo”*. E: *“não cortar e colher em exagero, evitar queimadas, eu, por exemplo, não gosto de queimar os pastos da minha chácara”*.

Considerações finais

O Cerrado a partir de 1970 têm sofrido grandes alterações em virtude da expansão da fronteira agrícola, com o uso abusivo de fertilizantes, agrotóxicos, maquinários agrícolas, mudanças ambientais e sociais. (PINTO, 1990) As relações sociais e de trabalho têm sido alteradas em função da hegemonização do capital que expulsam camponeses, indígenas, quilombolas, ribeirinhos, ou seja, aqueles que sempre viveram para o e do Cerrado. (THOMAZ JUNIOR, 2004)

Essas alterações têm fortes implicações na organização dos movimentos sociais que lutam para resistir sobrevivendo nas áreas de Cerrado e geram modificação nos hábitos de

Building the way

populações deste bioma. O que pode trazer mudanças com relação ao uso de plantas medicinais em áreas de Cerrado. (ALHO, 1995)

Assim, após a realização desta pesquisa, observamos que cada vez mais que o cerrado for alterado, modificado, desmatado, menores as possibilidades das populações que vivem em suas áreas manterem hábitos e culturas ligados ao uso de plantas medicinais para fins curativos. Quanto mais se perde o Cerrado, cada vez mais perderemos parte de culturas ancestrais, milenares, hábitos de povos antigos e de saberes tão pouco valorizados no mundo moderno. (SHIVA, 2003)

Os conhecimentos relatados por raizeiros da região de Minaçu demonstram o cuidado ao fazer a coleta das espécies no Cerrado. O manejo das plantas é de suma importância para a conservação do bioma como um todo. É perceptível que existe consciência ambiental entre os raizeiros, já que estes relatam a necessidade da preservação do Cerrado para perpetuação das espécies evitando práticas como o desmatamento e as queimadas.

Observa-se também um crescimento da utilização de medicações fitoterápicas nos grupos sociais entrevistados, mulheres, idosos, adultos. Todavia, podemos relacionar a mudança do cenário nos últimos anos. Pois, o fator exclusão social não é mais o principal responsável pelo consumo de plantas medicinais e sim o aumento pelo interesse por terapias que proporcionem bem-estar e menor agressão ao organismo.

Deste modo, pontuamos que a conservação do cerrado esta intrinsecamente ligada à manutenção das espécies com potencial de poder medicinal. No entanto, salientamos que muito ainda deve ser pesquisado em relação à biodiversidade das plantas medicinais do Cerrado, a fim de conhecer melhor este bioma e suas espécies. O interesse da população pelos medicamentos fitoterápicos pode contribuir para que isto ocorra. O manejo das plantas medicinais deve ser realizado respeitando o meio ambiente, a natureza e evitando os impactos ambientais relacionados a esta prática.

E ainda notamos que, a humanidade necessita repensar suas ações sobre o mundo e o meio ambiente. Pois os aspectos culturais estão atrelados aos ambientais, valorizar a cultura de povos que buscam nas plantas medicinais o alívio para problemas de saúde é também valorizar novas perspectivas de sujeitos, de práticas ambientais e de novas relações sociais com o meio. (GONÇALVES, 1999)

Building the way

Referências

ALHO, C. J. R; MARTINS, E. S. *De grão em grão, o Cerrado perde espaço: Cerrado-impactos do processo de ocupação*. Brasília: WWF, Prócer, 1995.

ALMEIDA, Maria Geralda (org.). *Tantos Cerrados: múltiplas abordagens sobre biodiversidades e singularidade cultural*. Goiânia: Vieira, 2005.

AUBERTIN, Catherine. *O surgimento do bioma Cerrado*. Revista Ateliê Geográfico. Goiânia, Goiás. v. 7, n. 1. 2013.

BARBOSA, Taryana C. S. Plantas medicinais do Cerrado. IN: GOMES, Horieste. (org.) *Universo do Cerrado*. UCG: Goiânia, 2008.

GONÇALVES, C. W. *Os (des) caminhos do Meio Ambiente*. Contexto: SP, 1999.

JAMESON, Fredric. *Pós modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. Trad. Maria Elisa Cevasco. 2ª edição. SP: Àtica, 2002.

MACHADO, Luiza H. B. *Raizeiros de Goiânia as representações entremeadas nos usos e nas redes de distribuição e comercialização das plantas medicinais em Goiânia*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 2008.

PELÀ, M.; CASTILHO, D. *Cerrados: perspectivas e olhares*. Vieira: Goiânia, 2010.

PINTO, M. *Cerrado: caracterização, ocupação e perspectivas*. UNB: DF, 1990.

Revista: *o poder curativo dos chás*. (não consta ano/autor)

RIBEIRO, Maria Divina Alves. *A medicina alternativa do Cerrado*. Monografia. UEG: Minaçu, 2012.

Building the way

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente. Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. [Trad. Dinah de Abreu Azevedo]. SP: Gaia, 2003.

TEIXEIRA, Neto. *Geografia: Goiás-Tocantins*. Goiânia: UFG, 2005.

THOMÀZ JUNIOR, MENDONÇA, MARCELO. *A modernização da agricultura nas áreas de Cerrado em Goiás (Brasil) e os impactos sobre o trabalho*. Boletín del Instituto de Geografía. N° 55, 2004.